

À MARGEM SE VIVE: SERGIPE E SEUS DESDOBRAMENTOS EM PROL DA MEMÓRIA E DEMOCRACIA

Amanda de Oliveira Santos

Doutoranda em História Social (PPGH-UFBA)

Bolsista CAPES

Contato: aos.15s2@gmail.com

Resenha do livro

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **À margem da história contemporânea de Sergipe: memória e democracia.** 1º ed. Aracaju: Criação Editora, 2021.

De maneira ampla, crítica e versátil, a obra “À margem da história contemporânea de Sergipe: memória e democracia” foi elaborada pelo historiador e professor Antônio Fernando de Araújo Sá, o qual em seus artigos sempre pontua sobre a luta população sergipana nem prol da democracia. O autor foi sábio em trazer a crítica logo no título da obra, destacando: “À margem”, trazendo a conotação de algo que está de lado, ao abandono. E ainda complementa: “da história contemporânea de Sergipe”, demonstrando assim que o livro traz assuntos presentes na contemporaneidade sergipana que em algumas ocasiões passaram a ficar no “esquecimento” social, ou até mesmo na falta de estudos sobre tais acontecimentos, os quais foram importantes para o processo de fortificação e construção da “memória e democracia” sergipana.

A obra foi construída através de artigos e outras produções elaboradas e publicadas pelo historiador, o qual em alguns momentos contou com a coautoria de outros pesquisadores, sendo eles: Eduardo Lopes Teles e Péricles Morais de Andrade Júnior. Mergulhado no pensamento de matriz euclidiano, de ser um observador errante, Fernando Sá pode trabalhar a

questão da representação e cotidiano de personagens anônimos da sociedade, os quais colaboraram de forma ímpar para a democracia sergipana.

Para além do uso de jornais e outras documentações das quais o historiador utilizou para a escrita do seu trabalho, sem dúvidas foi somente através do uso da fonte oral, que o mesmo pode aprofundar suas pesquisas, externando os sentimentos e as memórias dos (as) indivíduos (as) entrevistados (as). Todavia, seu trabalho com a fonte oral, auxilia aos pesquisadores, principalmente àqueles que estão iniciando suas pesquisas, como se deve trabalhar com esse tipo de fonte, que embora não seja documental ou visual, ela carrega consigo elementos ideológicos e sentimentais que são intrínsecos nos relatos dos vividos.

Fernando Sá através das entrevistas coletadas de diferentes personalidades envolvidas, e pesquisas efetuadas em documentações, pode ter uma melhor compreensão sobre as diferentes manifestações sociais presentes no cotidiano sergipano. O mesmo atentou-se em pesquisar sobre os movimentos trabalhistas em Sergipe, destacando a classe trabalhadora dos professores universitários da Universidade Federal de Sergipe, no processo de construção do sindicato e da luta constante dos professores durante o período da ditadura militar. O autor destaca também a trajetória dos barbeiros como profissionais e principalmente sobre a sua importância para os estudos do trabalho em Sergipe.

A obra também destaca a luta dos sertanejos em prol da criação do sindicato, e da reforma agrária, e a importância da igreja católica nesse processo, trazendo à tona o trabalho desempenhado pelos irmãos belgas Guido Michel Dessy e Francisca Hendrick. Sendo estes os responsáveis por trazer ao território sergipano, em especial ao município de Propriá e localidades próximas, uma nova maneira de se pensar a luta por direitos humanos, perpassando o quesito religioso, os quais eles foram destinados.

O livro está dividido em duas partes. A primeira sendo destinada para o debate sobre a “História e Memória”. Nesse espaço, foi construído um debate colocando em evidência a questão do movimento docente na Universidade Federal de Sergipe entre os anos de 1979 a 1990, demonstrando a importância da Associação dos Docentes da UFS (ADUFS), principalmente no período da ditadura civil militar, até os anos que se constituíram no processo de redemocratização do país. Através das entrevistas utilizadas, foi possível perceber como os/as professores/as estavam em constantes debates para a fortificação da universidade como um espaço de aprendizagem, intelectualidade e saber. Contudo, as

condições precárias que esses profissionais eram submetidos, foram um dos principais motivos para a mobilização da luta, sendo possível destacar os nomes de “Luiz Alberto dos Santos, Ilka Bichara, Socorro Rufino, Lenalda Andrade, Terezinha Oliva, José Costa Almeida, entre outros” (SÁ, 2022, p.36).

Ainda nesse primeiro momento, o autor trouxe para o debate a importância da revista *Candeeiro*, criada inicialmente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, gerenciada pela Seção Sindical dos Docentes, da Universidade Federal de Sergipe. A revista teve o seu primeiro número lançado no dia dos professores no ano de 1998, ficando na ativa até o ano de 2016. O *Candeeiro*, durante os anos de publicação, constituiu-se como um meio de debate sobre a trajetória da universidade, bem como discussões acerca da modernização universitária, das reformas neoliberais, da luta pela democratização do acesso ao ensino superior, das diretrizes curriculares, dos novos mecanismos educacionais e principalmente da formação dos docentes universitários, entre outros.

Como forma de crítica, Fernando Sá destaca que a interrupção da revista foi em decorrência das condições sociais do país, principalmente os cortes que a educação brasileira vem sofrendo nos últimos anos, sobretudo no período presidencial do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual foi responsável por variados bloqueios e cortes financeiros das Universidades Federais e Institutos Federais em todo país. O autor, sem deixar de lado o seu lado cultural, nas últimas linhas do artigo fez um trocadilho com a música de Luiz Gonzaga, destacando “(...) o Candeeiro se apagou, mas a luta pela democratização da universidade e o combate contra o projeto autoritário, em curso no Brasil, continua central, no movimento docente universitário brasileiro” (SÁ, 2022, p.73).

Para finalizar essa primeira parte, o autor acentua o artigo “Cabelo, barba e bigode: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007)” que elaborou com Eduardo Lopes Teles, sendo este uma versão adaptada de um relatório construído por ambos, o qual foi publicado em 2009, na Revista Ponta de Lança. De maneira envolvente, embora tenha um ponto de vista diferente aos primeiros artigos, os quais se dedicaram em trazer à tona a história da UFS. Este artigo aborda também a questão da luta trabalhista, trazendo como ponto de articulação o trabalho informal dos barbeiros, no qual os autores resgatam a memória desses profissionais que tanto contribuíram para o cotidiano sergipano.

O artigo traz um apanhado histórico sobre a história mundial dos barbeiros, enfatizando como eles surgiram no Brasil, ainda no período colonial, e como foi a sua inserção no território sergipano. Desse modo, os autores vão discorrendo acerca da luta desses profissionais, principalmente no processo de modernização dos maquinários utilizados pelos mesmos. Além dessa característica, o artigo traz a história de vida de alguns desses profissionais os quais sua atuação teve uma significativa importância para a história do território sergipano. Como forma de crítica, os autores destacam que esses homens trabalhadores, hoje vivem no esquecimento social, diferente de alguns profissionais de áreas como medicina, advocacia, engenharia, política etc.

Na segunda parte da obra, intitulada “Memórias e democracia”, o autor reúne três artigos nos quais trabalham o quesito da construção da memória sergipana através da luta pela terra, religiosidade e pela criação do “Memorial da Democracia”, na Universidade Federal de Sergipe. Todos os artigos embora trabalhem conteúdos diferentes, os mesmos se igualam em demonstrar como os diferentes públicos foram capazes de lutar e construir espaços, sejam eles físicos ou não, os quais sustentam a memória da população e dos indivíduos que tanto lutaram pela democracia no território sergipano.

Nesse sentido, o artigo “Memória da luta pela terra em Sergipe: igreja católica e a opção preferencial pelos pobres nas memórias dos irmãos Guido Michel Dessy e Francisca Hendrick”, traz um estudo sobre a atuação dos missionários belgas em Sergipe, os quais não atuaram somente no quesito religioso, mas foram peças fundamentais para o surgimento de projetos em prol da população pobre da localidade, trazendo melhores condições de vida para a mesma. O autor ainda destaca como foi a luta desses grupos de religiosos no processo de implementação do INCRA nessa localidade, assim como projetos de capacitações para os sertanejos locais. Para além desses pontos, Sá (2021) salienta também sobre as perseguições políticas e principalmente a represália que os manifestantes sofreram durante o período da ditadura militar.

Em “As disputas simbólicas no campo católico e o processo de patrimonialização da pintura mural da Igreja Matriz de Porto da Folha (SE)”, o autor teve como coautor o professor Péricles Moraes de Andrade Júnior. Nesse artigo, os autores trazem um panorama a respeito das pinturas sacras, em especial às imagens contidas na Matriz de Porto da Folha, as quais trazem para os observadores uma linearidade sobre a história religiosa da localidade, além de

outros elementos que foram introduzidos e auxiliam no processo de compreensão da história do município. Uma vez que, as representações expressas nas paredes trazem a identidade da cidade, através da incorporação de trabalhadores como vaqueiros, plantadeiras e piladeiras de arroz, bordadeiras, rendeiras, professoras, aguadeiros e feirantes, todas elas pintadas em meio às pinturas tradicionais religiosas de cunho católico.

Ainda neste capítulo, os autores relatam como foi o processo de tombamento do painel da Matriz, o qual gerou uma grande manifestação entre personalidades públicas, intelectuais, membros da própria igreja e comunidade local. Todos (as) com o intuito de ter a aprovação da lei que tombasse o painel, o qual retrata a história do município com um olhar artístico e cultural, pois, “esse “certo painel” é o eixo da exposição do artista, em que recria as cenas cotidianas de Porto da Folha, com o registro figurativo das classes trabalhadoras” (SÁ, 2021, p.149).

O último capítulo, denominado “Para que nunca más sea: o Memorial da Democracia e a pedagogia da memória” é um capítulo que aborda sobre a construção do Memorial da Democracia, o qual foi inaugurado em 2017, na Universidade Federal de Sergipe. Importante frisar que o sentido de maior importância no capítulo não é somente o histórico sobre a criação do espaço memorialístico, mas a sua relevância como um local de repensar e lembrar a luta pela democracia. Desse modo, nas primeiras páginas do texto, o autor faz um estudo sobre espaços memorialísticos de diferentes instâncias, destacando o papel de grande relevância do Memorial da Democracia em Sergipe, o qual trabalha não somente o fato ocorrido, mas sendo este espaço um local que toca a memória em prol da democracia em Sergipe e principalmente na instituição.

Ter um espaço como o Memorial da Democracia, no polo principal da UFS, coloca em destaque o papel da universidade como local de debates em prol da comunidade em geral. Nesse sentido, o autor pontua que “o Memorial da Democracia tem uma função eminentemente pedagógica de construção de uma consciência democrática e cidadã, na tentativa de não esquecer a experiência autoritária, entre nós” (SÁ, 2021, p.171). O autor ainda aborda sobre o dinamismo que houve na universidade, com a criação de disciplinas interdisciplinares, as quais trabalham a questão da história, memória e democracia. Através dessa interdisciplinaridade houve a extensão de debates em diferentes espaços, e com alunos de cursos distintos, sendo estes expostos em reflexões sobre o passado, o presente e o futuro.

A obra chegou ao fim, e de maneira sábia, Fernando Sá pode trazer para a historiografia sergipana um conjunto de conteúdos, os quais em muitas ocasiões transcorrem despercebidos em meio aos diversos temas estudados no estado. Importante frisar que foi através de sua sensibilidade com a questão da cultura local, que o mesmo pode adentrar em minúcias históricas, e apresentado em seus textos nessa obra. “À margem da história contemporânea de Sergipe” deixa claro o quanto o estado de Sergipe é vasto no quesito de temas. E, principalmente como esses diferentes episódios são importantes para a construção da memória da população sergipana, sendo este um elemento importante para a luta da democracia de Sergipe, que embora seja pequeno territorialmente, é gigante em seu teor histórico.